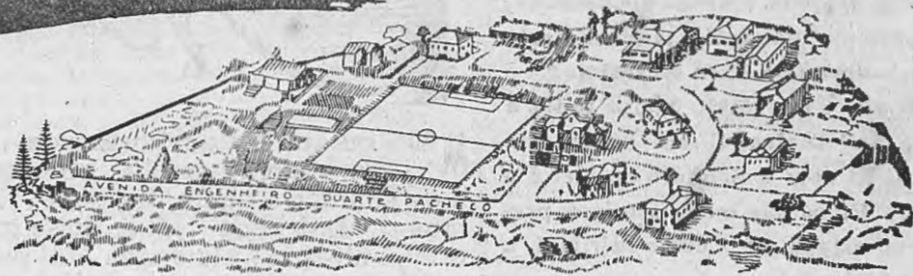


# Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—188  
Preço 1\$00

## MARÉ ALTA

HOJE, 19d'Abril, 5.ª feira, às 21,30.

Tinhamos acabado o terço na capela e fomos para sacristia, esperava-me uma deputação, o Rodrigo adianta-se e toma a palavra: *nós vinhamos pedir para o Pai Américo, no sábado, rezar missa por alma do nosso Chefe da Nação. Nós queremos vir todos à missa. Diga-a mais cedinho por causa dos trabalhos.* Alguns comungaram!

Venho agora mesmo da sacristia. Quente e espantado, para que nada se perca, dou aqui, a todos os leitores, a notícia tal qual. A iniciativa! O sentido da Nação!

O culto da Morte! Estes rapazes sentem-se. Vivem. Querem-se incorporar no luto dos portugueses. Que grandeza! Eu ouvi. Eu sou testemunha.

Nunca, como hoje, apreciei o fruto do nosso sistema! Parece um atrevimento!

Mas há mais. Os senhores escutem e pismem, que eu também escutei e pasmei: Avelino, chegando agora mesmo do Porto, revela-me que os rapazes do Lar, espontaneamente e sem sequer me darem cavaco, telegrafaram de casa, dirigindo ao Senhor Presidente do Conselho — *Rapazes Padre Américo enviam condolências morte nosso Chefe Estado.*

Avelino, conta, que os senhores do Correio não sabiam se chorar se rir. E eu também não sei que faça.

Mais. Eles todos, chefe à frente, resolveram ir à missa no dia seguinte, cada um onde pudesse, conforme seu horário de trabalho; e foram. Mais ainda: chefe pede-me para eu celebrar aqui na capela, em nome deles, e eu assim fiz.

Tudo isto, que é tamanho, nasceu espontaneamente na alma destes moços, em uma Hora Grande da Nação. Juro à fé de quem sou, que sómente soube destas coisas, depois de elas se terem dado. São eles!

Mas não ficamos por aqui; vamos mais longe. Por não haver aulas, aproveitei o sábado à tarde 21, para a minha costumada palestra; tem de ser em dias feriados, porquanto, muitos frequentam cursos noturnos e chegam a casa noite alta. Muito bem. Entramos para a biblioteca. São 30 rapazes com a rua ali à porta, que eles agora pisam, sim, mas procuram não sujar-se... Antes de começar a falar, reparo que a bandeira nacional suspensa da pa-

rede, tinha crepe! Eu vinha de atravessar a cidade e tinha observado, de dentro do *Another*, que todos os homens e rapazes usavam gravata preta.

Ali em casa, via precisamente o mesmo. Daqui tirei a matéria da palestra daquela tarde. Sobrenaturalizei o acontecimento. Disse-lhes que estava vivo o homem responsável por uma tamanha União Nacional. Que um homem assim, tem necessariamente de conversar com Deus a toda a hora, e sem essa conversa ninguém pode construir. E disse. E disse. E disse, durante meia hora. Eu tenho de dar a estes meus rapazes a certeza de que é o Pai Celeste que faz tudo e que dá tudo. Que eles não venham, mais tarde, a cair em superstição e procurar, pela vida fora, *muiheres de virtude.*

Estou contente. Tenho de perdoar muito a estes rapazes que nobremente e espontaneamente acabam de fazer uma declaração de amor à Pátria. Ainda que os objectos sejam diferentes, o amor da Pátria e da família e de Deus, são do mesmo ventre. O Lixo!

Que a Pátria também nos ame. Que os homens do Governo nos ajudem.

## Carta aberta aos assinantes do Brasil

Os senhores podem mandar qualquer soma de dinheiro, em notas brasileiras, que a gente recebe aqui ao par. Ainda ontem foi o dia que me deram cinco delas de mil cruzeiros cada, pela assinatura e parte de um livro; e eu fui ao Cambista Cândido Dias e recebi cinco contos.

Aquela Firma deposita confiança na Casa do Gaiato. Faz o seu câmbio pelo amor que nos tem e não toma o dolo por guia. Por isso, paga amor com amor. Que lindas contas! Aquela Firma mudou da Rua das Flores, de uma casa muito pequena aonde estava, para outra, no Bonjardim, sobria, espaçosa, cheia de bom gosto.

Assim como os do Brasil, também podem enviar dinheiro local os leitores do estrangeiro. O privilégio é extensivo a qualquer moeda.

DESTA feita quem a faz sou eu. Cheguei a Lisboa naquele sábado, para assistir, no domingo, à inauguração da casa agrícola. Padre Adriano estava na Portela à espera do avião. Por sorte me encontrou. E' que eu cheguei a Pedras Rubras e já a nave havia descolado. Estava ao largo do campo a preparar-se para subir. Eu regresssei ao Morris. Chamaram por mim. O avião voltou, abriu o peito e recebeu-me! Que grande força não tem a criança!



Sua Eminencia o Cardeal Cerejeira rodeado de povo e alguns Padres da Rua.

Em Lisboa, almoçamos os dois. Não há como a mesa posta, a horstana, para grandes conversas e substanciais resoluções! Uma delas, foi pedir em S. Domingos a todas as missas, *tenho tão pouco dinheiro*, disse-me Adriano.

Assim foi. Das 8 às 12, tomei conta do Altar mór. Andou por duzia e meia deles. Mas ainda lá ficou muita coisa. Muita coisa. O jornal de ontem dizia que há menino a ganhar mil e duzentos contos por ano, de Empresas! Ora destes senhores, só em Lisboa

A visita do Senhor Cardeal estava para as 3 da tarde e à hora Sua Eminencia chegou. Pudera ter-se feito representar. Não lhe faltava quem. Mas veio Ele. Ele. Graças a Deus.

Ministrou o sacramento do Crisma, Padre Adriano tinha promovido uma missão nos povos da freguesia de Santo Antão do Tojal. Foi um pentecoste. A-se-



Um aspecto da Casa inaugurada

## Crónica do TOJAL

guir houve a benção da casa e Entronização do Sagrado Coração de Jesus. Por fim, um pequenino passatempo feito com os nossos rapazes. A Banda da Terra fez-se ouvir. As tantas o senhor Cardeal Cerejeira, retirou-se para outras visitas.

Temos uma casa agrícola numa quinta de 18 hectares aráveis. O pensamento do P.º Adriano, é dar a esta casa vida independente do resto, porque as horas do trabalho de campo assim o exigem. Vamos ver se somos capazes de afeiçoar rapazes à terra. E' difícil. A cidade tem a sua voz e chama por cada um deles! A lavoura empobrece. O lavrador vive de incertezas. Os nossos rapazes vêem, julgam e safam-se.

Está a casa agrícola. Nós gostamos muito de estar no lugar que nos compete e fornecer vantagens aos nossos. Se eles as não aceitam e os costumes não aconselham, não seremos nós chamados ao tribunal de contas.

## Campanha dos cinquenta mil

VAMOS para aquele número a passos de gigante. Não duvido. Porquê? Porque toda a correspondência do Jornal é dirigida aos Rapazes da Administração. O meu nome raras vezes aparece, e quando vem, é por cerimónia. Cada carta; cada pedido; cada lista preenchida. Todas as frases, todas as linhas, todas as letras são apêlos vivos a estes rapazes. São declarações de entusiasmo. São esperança dum Portugal melhor.

Aproveite todas as vocações intelectuais e mande-os estudar por conta dos leitores do jornal, vinha assim uma carta da Cidade da Guarda. Sim. Vamos para os cinquenta mil. Se eu me tivesse posto à frente desta campanha, ninguém lucrava com isso. Seria tempo perdido. Mas como o nosso Bom Deus me quis, dar a inteligência de esconder a mão, ninguém duvidou do êxito desta e doutras campanhas em que os Rapazes da Administração por ventura se venham a interessar. Dê-se a iniciativa aos novos. Dê-se-lhes a palavra. Que os orientadores se saibam agachar. Que saibam desapparecer. Que saibam morrer para si mesmos, e insuflar a vida nos outros. Se a semente que cai à terra não morre, não produz fruto.

## Boas notícias

NO dia 16 de Maio vamos todos ao Porto colher o fruto do dia de Beneficência na queima das fitas. Espera-se que nesse dia ande muita gente pelas ruas e todos prevenidos...

Muito ficamos a dever à Comissão, que, exemplo dos mais, também neste ano se lembrou da Casa do Gaiato.

No dia 23 de Maio vamos todos a Braga, ao Teatro Circo, como está combinado com a Senhora do Mel e o Risonho. Eu cá não meti para isso prego nem estopa. Se a coisa sair mal, a culpa não é minha.

O Snr. Costa, continua a ser o homem fiche que põe tudo à nossa disposição.

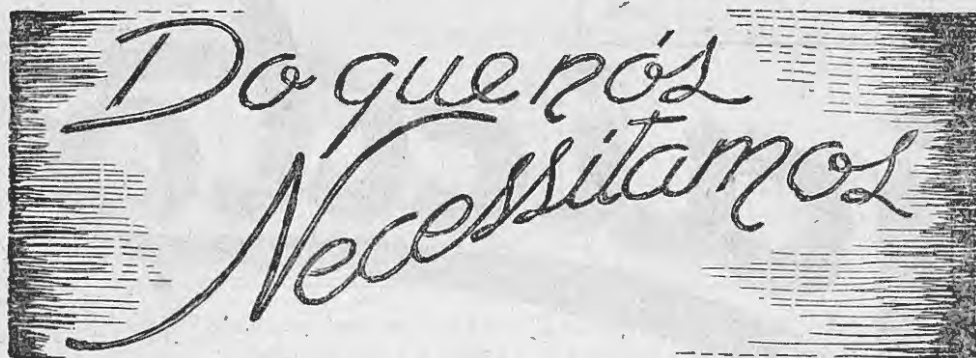
## BARREDO

ALEM daquela já conhecida, outras cartas têm chegado, de outros sanatórios infantis, a ensinar as voltas precisas, para internar o pequenino. Outras, ainda, trazem saudades e dinheiro. Mas o que mais me entenece é ver e ouvir os miudos do Barredo, quando ouvem que eu ando por lá. Eles já sabem aonde eu vou e querem que vá mais vezes. Eles sabem do que eu dou ao seu pequenino irmão doente. Sabem tudo quanto eu lhe digo e repentem-no a mim. Sabem tudo quanto ele me diz. Sabem dos brincedos, das laranjas. Descem ao por menor.

São entusiastas. Quem quiser generosidade da boa, vá buscá-la ao coração dos garotos da rual Nunca fui tão triunfante, e mais visito por ali casos bem dolorosos! Então quê? E' a simpatia deles que faz o triunfo! Tem acontecido, para lhes fugir, trocar o caminho e entrar no Barredo pela Sé. Não vale a pena. Ali mesmo eles surgem: já sabemos aonde vai!

O Caldeireiro morreu! De vespera tinha eu estado em sua casa. O balão de oxigénio fora tragicamente substituído por um abano de cozinha, que a sua mulher agitava; e eu também abanei! Foi a minha oração da agonia. Assim tombamos aqui, meu padre. Sim; no seio de Abraão! Pedi à mulher que por um pouco se retirasse e fiquei sozinho mais o moribundo. Não lhe perguntei nada. Declarei. Revelei. Afirmei; e dei-lhe a absolvição final—*Dominus Noster Jesus Christus te absolvat...*

Soube, ao depois, que ele era de outra mulher e esta com quem vivia, era de outro homem! Os Barredos são assim! Um abismo chama outro abismo. Mas deixemos o trágico. Outra notícia. E' a criança da perna de gesso. A esta hora, deve estar o pequenino em cura. Ninguém disse que não. Todas as portas. Todas as peias. Todas as vontades. Já antes, pelo mesmo caminho, tinha ido para um sanatório e ali se encontra, um moço do Barredo. Aonde e como vivia ele! E como vive actualmente! Só quem vê... Eu cá dou-me por pago de todos os trabalhos, só pelo prazer de ver e saber em roupa lavada esta sorte de doentes, que nem sequer cama tinham! Que esta alegria seja concretamente extensiva aos cem mil que esperam quiçalmente notícias dos seus irmãos!



MAIS eu que fui ao Porto com o Júlio, e uma vez ali, resolvemos chamar o chefe do Lar e fomos ó Madrileno. Júlio disse-me que já ali tinha almoçado. Foi peixe frito e orelheira com feijão. Ao lado, estava uma mesa com alguns tripeiros. Eu tinha pedido a conta, e enquanto o criado recebe, vem de lá um daqueles senhores com a mão cheia de notas, dizendo o nome de cada, enquanto me faz a entrega para os seus rapazes. Nada pecos! O Júlio, mais batido do que eu, cá fora, pelos nomes que dentro escutara, vai-me dizendo a ocupação de cada senhor. Tudo homens pesados.

Agora o que tem mais graça é o Carlos. O Chefe do Porto. Este, ao ver o embrulho das notas, queria acaçar metade para o seu Lar! Não acaçou coisa nenhuma.

Mais eu que naquele mesmo dia, como tivesse uns minutos livres, fui à Avelada. Gosto de ir àquela casa. Logo à entrada, é o reino das flores. Fragrância! Dentro, qualidade, saber... e sabor. Desta vez não resisti; comprei um queijo da serral! Atravesso a rua munido do dito e coloco ele na caixa do «Another». Júlio não tinha chegado. Enquanto faço pausa, reparo que, precisamente no portal a seguir à Avelada, sentasse um homem novo, de barbas crescidas, queimado de febre, com um pequenino tabuleiro sobre os joelhos e dentro sabonetes... Eu tinha comprado um queijo, sem precisar dele...! E agora? Atravessei a rua e saldei as minhas contas com o Infeliz! Por mais que se diga, somos um povo atrasado. Aquele nosso irmão tuberculoso, para viver mal, tem de fingir. Ele devia ter a assistência que precisa e merece. Ele é um da comunidade. E' carne da nossa carne. Mas não. Não é assim. E' um vendedor de sabonetes, triste, desanimado, queimado de febre, cheio de fome! Ele é obrigado a fingir o que não é, e nós outros, por atraso e por ignorância e por culpa, passamos à beira e fingimos não dar por ele! Ora esta classe de fingidos não têm lugar à mesa do Pai Celeste. Se vier outro pregador a ensinar o contrário, seja maldito.

Naquela mesma hora, um senhor deu-me uma carapuçada de notas, algumas de 500\$00! Não é a primeira vez; ele já assim tem feito e há-de continuar. Quanto mais eu der, mais o mundo me dá. Porquê? Muito simples e muito certo: *Date et dabitur*. Está aqui a doutrina: dá e receberás.

Mais um senhor que veio aqui deixar 1.500\$ de mando de um outro senhor, do Rio. Quem quiser viver bem, vá repartindo em vida. A morte... é morte! Mais 50\$ de Carrazeo de Montenegro. Mais 100\$ do Porto. Mai 50\$ para o Barredo. Do 12.920, sim senhor. Mais do Porto 100\$ fruto de um trabalho extra. Assina-se jicista tripeiro. Que lindo trabalho! Quam valioso! Que teria sido? Foi feito por amor! Mais 100\$ de Viana.

Mais 20\$ da Sofia, para o Barredo. Mais 50\$ idem. Mais 100\$ de uma anónima. Novamente os Motoristas da Praça Almeida Garrett 120\$. E' dinheiro de fadigas! Mais 20\$ pelo nosso terceiro mês de casados. Mas ele haverá no mundo dedicatórias como estas que as almas fazem ao Gaiato? Cuido que não! Mais 100\$ de Felgar. Mais roupas e 100\$ de Lisboa. Mais 500\$ de lá. Mais 50\$. Mais um carregamento de O Espelho da Moda. Mais de Sá da Bandeira, Africa, um cheque de 626\$50 e outro de 187\$50. Mais de Lourenço Marques um cheque de mil, com uma carta, e que bela! Como não poderia a vida ser formosa, se nós quiséssemos que ela o fosse; pois que é tão formoso o coração do homem!

Mais do Lobito, um cheque de seis contos, na sua maior parte de assinantes. Sim senhor; de Lisboa, sob registo 673, recebeu-se e cumpriu-se. Aqui recebe-se tudo!

Mais 3 gotas de 20\$ cada, da Capital. Mais, outra vez da Capital, uma senha de gomas, destinadas ao Prolho e Avelino. Os pacotes vão separados, para não haver barafundas. O que nos vale, são estes amigos da Obra. Se não fora isso quem poderia com estes selos?!

Mais esta carta importante:

*Todo o bem que os leitores possam dizer acerca de «O Gaiato», não passará nunca dum páhida ideia, comparada com o bem que ele realmente faz, onde quer que chega.*

*Como a pobre Mãe do Barredo, que tem um filho de 5 anos com uma tuberculose-oxia e está sempre sozinho, eu tenho também um filho de 5 anos com uma doença, não de caracter tuberculoso, na cabeça do fémur, que o retém imobilizado desde Outubro, e continuará, talvez, até ao próximo Outubro. Ao meu filho nada falta, desde os calcios mais caros, ao sumo de laranja em abundância, aos brinquedos, aos livros estampados e à companhia permanente de seus pais, irmãos e outras crianças amigas. Até à doença do meu filho considerarei-me sempre a menina amimada do Senhor, mas, à primeira provação, parecia-me já que Deus me castigava mais severamente do que merecia.*

*Foi preciso «O Gaiato» pôr-me ante os olhos essa pobre mãe que nada tem para dar ao seu filhinho doente, para que eu considerasse quão pequenina é a parcela de sofrimento que Deus nos envia a mim e a meu marido e vender-lhe graças pela Sua Infinita Misericórdia. Vão para essa pobre mãe as sobras do mês da Páscoa, para que ela compre ao seu doentinho aquilo de que ele mais carecer e para que Deus Nosso Senhor faça ressurgir desta graça das nossas almas (a minha e de meu marido) mais libertas das cubiças terrenas e das vanglórias deste mundo. Uma mãe crente e absolutamente confiante na misericórdia infinita de Deus.*

## Explicação

A Firma Comercial que tratou com Júlio e Avelino o negócio das chapas dos endereços, não sabe nem supõe a profundidade das queixas dos nossos assinantes que se vêm privados da leitura do jornal; não sabem. Não reclamamos nada. Não pomos questão de lucros cessantes e danos emergentes.

Nós não somos uma firma comercial. Mas lamentar, sim. Deplorar, isso sim.

Aos nossos assinantes digo que não perderão o seu jornal. O Avelino tem-nos no seu escritório em grandes lotes à espera das chapas.

## CANTINHO DOS RAPAZES

COMO sabeis e enquanto Deus não providenciar de outra forma, P.<sup>e</sup> Adriano toma conta de Lisboa, P.<sup>e</sup> Horácio de Coimbra e eu, S. João da Madeira, Porto e Paço de Sousa. Uma vez cada 30 dias, é costume reunirem-se no Lar do Porto, os chefes destas três casas, estando eu presente. Eles têm muito que dizer das suas pesadas obrigações, eu também digo alguma coisa, e todos nos ajudamos para o Bem de cada um de vós.

Eu gosto de vos dar a palavra e a decisão mórmente àqueles que estão postos em cargos de primeira linha, como são os Maiores. Eu não interfiro, desde que sinta nascer e viver na vossa alma a a felicidade concedida ao que pode transgredir e não transgredir; fazer o mal e não o faz. Nota bem: podes transgredir. Podes fazer tolices. A tua nota de homem livre não reside porém no poder que tens de fazer o mal; por isso não somos felizes. Por isto somos até desgraçados. Então quê? A nossa marca divina está, sim, no poder e não querer. A Escritura Sagrada chama justamente *feliz* ao homem que pode transgredir e não o faz, por amor dos mandamentos da Lei de Deus. Ora aqui tens.

De maneira que os rapazes do Lar de S. João da Madeira, os rapazes do Lar do Porto, os rapazes de Paço de Sousa, assim como os das Casas do Centro e Sul do País; todos e cada um deles podem gozar a felicidade prometida por Deus, ou podem vir a ser desgraçados, segundo a sua livre escolha. Eu não interfiro. Deves ter medo desta minha acção. Cautela!

Na ultima reunião o Carlos Gonçalves, pediu-me que falasse de Deus: *fale-nos sempre de Deus, assim como fez agora*. disse. Eu calei-me. Eu fiquei profundamente humilhado. Quem pede a coisa, sente mais desejo dela do que quem dá. Neste caso está o Carlos Gonçalves; ele, mais do que eu, sente a fome do que pede. Eu fiquei humilhado!

Deus, meus Rapazes, não é um ser estranho ou desconhecido. Se o fôra, o Carlos não falaria dele. Deus é nosso. Quer escutar-nos. Interessa-se sumamente por nós. Interessa-se particularmente por ti...! E's da Sua linhagem. Não dás um passo que Ele não escreva.

Ele é o Pai Celeste, de onde tudo provem. Considera a nossa Obra, coisa gigantesca! Quem é que nos dá tudo: o comer, o vestir, as facilidades, e tudo? Quem? E' o Pai Celeste. Ontem recebi uma carta a dizer que a Obra da Rua também tem alcunha. E a seguir diz: *chamam, por alcunha, obra do P.<sup>e</sup> Américo a uma Obra de Deus*. Está aqui toda a verdade. E' o Pai Celeste.

Quem é que vos dá o interesse pelos pobres do Barredo? Quem vos faz pegar ao colo, os nossos mais pequeninos? Quem vos dá o zelo de serdes de boas contas? Todo o Bem procede directamente de Deus e vós procurais este Bem, ainda que às vezes, vos pareça amargo. Sim. E' o Pai Celeste! Toda a vida e costumes das nossas casas estão para vos conduzir a estas verdades eternas, mais sem o Pai Celeste, nenhum de vós lá chegaria—nenhum. Só Ele é o Caminho. Tudo o mais, encruzilhadas.

## PROPAGAI

## «O GAIATO»

Angariando novos assinantes



# ISTO É A CASA DO GAIATO



O Abel, que está de semana, disse-me hoje, no fim da missa, como tora o seu jantar em casa de uns senhores, em Guimarães, na derradeira quinzena. Hoje é segunda-feira. A coisa tinha sido ontem. Ele ainda cheirava ao carinho daquela Família... Eu fiquei moído; moído de ciúmes... Tantos e tais, que Abel, começou naquela hora e toda a semana tem levado a tomar o seu café ao pé de mim. Rentinho a mim. Avelino e Júlio afastaram-se. Eu também hei-de gozar alguma coisinha; não há-de ser tudo prós senhores de Guimarães. Abel conta que à mesa, eram os pais, dois filhos e uma senhora americana. Que os senhores também falavam à americana. Que os filhos andam a estudar. Que foi batatas assadas e bifés. Que no fim, deram para a merenda duas laranjas e pão com queijo. Que ele, Abel, respondia a todas as perguntas. Que o Fominhas não. E acrescentou: *Ele em casa faz-se muito esperto, mas por lá é um murcão.* Mais conta o Abel, que os senhores ficaram muito admirados por nós rezarmos no princípio e no fim da mesa; e que lhes perguntaram se em casa era assim.

Eu fico contentíssimo quando ouço da admiração do povo pelo sinal da nossa Obra; o Sinal da Cruz. Já o senhor em casa de quem ficam os vendedores de Viana, escreveu, admirado do que vira: *elas, à mesa, são da doutrina da Obra da Rua.* Graças a Deus. Louvemos o Pai Celeste. É Ele que faz tudo. Nesta casa, com 172 rapazes, há apenas um sacerdote que tem de ser pau para toda a colher. Ele que há-de ensinar? Que é do tempo? Aonde a saúde? Há o Sejaquim, cego, que dá catecismo e o tal padre, à oração da noite, na capela, arranja 10 minutos para falar das Parábolas. Não se pergunta a fórmula catequística, com medo que o rapaz não saiba responder e o tal padre também não está muito seguro...! Fala-se directamente e abertamente e concretamente de Cristo Jesus, o nosso Redentor. Os rapazes escutam, mastigam, e andam prevenidos. *Todos se admiram de nós rezarmos.*



Recebemos aqui um cartão muito gentil, de um senhor de Penafiel, o qual festejava a primeira comunhão de uma filha, e queria a assistência de 3 gaiatos. Uma formosura cristã. O convite marcava o nome da rua e a hora da festa. Designei o Zé d'Arouca, o Hélio e o Abel. Chamei-os e disse-lhes da beleza da festa, de forma que eles tudo compreendessem e amassem cada vez mais os homens. A carta falava num *Copo d'Água*. Perguntei se eles sabiam do que se tratava. Houve silêncio. Nunca tinham ouvido semelhante. *Copo d'Água!* O primeiro foi o Abel. Disse-me que não sabia. A seguir falou o Hélio. Hélio entra na associação de ideias: Batismo, Comunhão, *Copo d'Água*, — é um copo de água benta, disse. Por último fala o Zé d'Arouca. Ele presenciara o silêncio do Abel e o estenderete do Hélio e diz: *é um copo d'água de vinho fino.* Foi o que andou mais perto. E mais o Zé d'Arouca é lavrador; é dos do campo. Viva o Zé d'Arouca!



Manuel Risonho acaba de me comunicar que escrevera ao senhor Costa de Braga, dono do Cinema, para a gente lá ir em Maio. Zé Barros, agora da comunidade de do Lar de S. João da Madeira, disse-me que anda a ver com o dono do Cinema Avenida, de Aveiro quando é que nós ali havemos de ir. Carlos Inácio, esse deu o seu concurso à festa que se realizou no Cinema da vila. Carlos Rebelo, anda a tratar com os senhores do Campo da Constituição, a ver qual o dia em que o team do Lar do Porto, de que ele é alma, pode exhibir-se e acaçar algum dinheiro para a dívida das chuteiras.

Risonho, Zé Barros, Carlos Inácio, Carlos Rebelo. E eu?! Eu não sou preciso.



No Lar do Porto é um regalo estar. A vida borbota. As pombas vêm à mão. Ontem, almocei com os rapazes. Uma delas, pousa sobre a minha cabeça e outra, num ombro. Foi o Chico que as chamou. Há, ainda, delas, que entram no refeitório por migalhas e dificultam os movimentos do rapaz que serve. Também há coelhos participantes. É um casal. Ela, sobretudo, vem comer à mão, quando os rapazes merendam, de tarde. E entra, com as pombas, no refeitório, a horas em que eles estão. Quer migalhas e levanta-se nas patas trazeiras, a pedir. Há duas ninhadas de pequenitos; uma de 2 e outra de 10 e ainda outra para vir! Os coelhitos andam pisados e aborrecidos, de tanto lhes pegar... Já os vi um rol de vezes e é do programa vê-los sempre que lá apareço. A vida borbota! As galinhas também fazem parte da refeição. Querem migalhas. Nós somos uma obra de Migalhas. Sobras e migalhas, mandou Jesus aproveitar do pão que repartiu por milhares de famintos; e deu a outros.

Carlos, vai botar uma galinha com 20 ovos. O que aí não vem! O Bobi de Paço de Sousa, foi passar umas semanas ao Lar, por não haver ali cão e os rapazes terem ouvido maravilhas d' este. Agora é ali um Mundo! Se quiseres podes ir ver e acreditar na vida ao natural, vivida naturalmente.

HOJE, sábado, quando me preparava para um finzinho de semana, ouve-se o telefone e acudo. Era o Carlos do Porto. Tais coisas ouvi que não tive outro remédio se não apresentar-me. Estava em causa o Chico das pombas. Mais uma vez mostrou os seus ímpetos. Meia hora depois estava no Lar do Porto. Entrei no Escritório e ouvi o chefe. Este tinha a camisa rasgada e o rosto beliscado... ouvi e mandei entrar o bravo. Este tinha a camisa inteira e duas beliscaduras no mesmo sítio... Eu estava sentado à mesa; Carlos, ao pé numa cadeira. Chico ficou de pé à minha frente. Pediu-me o seu dinheiro e que se queria ir embora já. Eu tinha um bloco de notas sobre a mesa com uma caneta ao pé e comecei a rabiscar no papel branco, como se nada fora e como se nada ouvisse. Chico procede na mesma ideia e com a mesma força: *Vou-me embora, já disse.* Levantei os olhos do papel e fixei-os no rosto do adorável Rapaz—

o simpático domador de pombas. Marquei-lhe um programa. Ele regressaria comigo a Paço de Sousa e durante uma semana faria de lá o seu emprego do Porto. Que não, e que não e que não. *Quero práqui o meu dinheiro.* Era dia de venda do Jornal. Estavam ali muitos à mão e ele vinha lá. Vinha lá o seu retrato com pombas na mão e umas notas biográficas a seu respeito. Por graça e feliz coincidência, eu dizia ali que tinha muita confiança no Chico das pombas, depois de ter revelado um nadinha do que ele, até ali, tinha sido. Tomei um exemplar na minha mão. Endiquei-lhe o seu retrato; li-lhe o ponto em questão. O rapaz conservava-se de pé silencioso. Disse-lhe que naquela hora, cinquenta mil pessoas estavam lendo a respeito dele e encarando jubilosamente a palavra confiança, e eu mesmo repeti *tenho confiança em ti, rapaz.* Ele continua de pé, de cara arranhada. Mal diria eu, ao escrever esta palavra que havia de ter razões para vir aqui repeti-la, numa jornada de 30 Kls.! *Tenho confiança em ti.* O Chico das pombas está ali ao pé de mim. Não és tu sozinho, disse eu, que me dás esta confiança; são também as tuas pombas. Eu estava sentado numa cadeira e o Carlos ao lado, da mesma sorte. Nisto, o Chico vem ter comigo, debruça-se na mesa, singe-me ao peito, debulhado: *então eu tenho de deixar as minhas pombas? Eu vou para Paço de Sousa? E as suas lágrimas mornas caíam sobre as minhas mãos pecadoras! Não, disse eu, não deixas as tuas pombas nem vais para Paço de Sousa; basta que dês ao Carlos um aperto de mão, que lhe peças desculpa e declares que lhe deves obediência. O Chico soluçava. Naquele dia de venda, cinquenta mil Portugueses tinham lido ou estavam possivelmente lendo, àquela hora, o seu nome, Chico das Pombas. Só as suas lágrimas sentidas poderiam ser resposta adequada, a um tamanho carinho! O Chico soluçava; eu, interiormente, dava graças ao Creador das pombas. Carlos levanta-se da cadeira, recebe num abraço o subdito rebelde e aceita a sua promessa de obediência. Como se nada tivera acontecido, o Chico pede-lhe para ir a um treino de bola e despede-se com um gracioso obrigado Carlos e adeus Pai Américo. Pombas a educar rebeldes!*



Hoje ouvia-se barulho à hora do correio, escadas acima; são peixes, são peixes. Ora ele é verdade que vem cá muitas vezes a mulher do peixe, mas pelas escadas acima nunca; eia vai direita à cozinha. A vozearia vai-se aproximando, até que Avelino entra no escritório carregadinho de cartas: *olhe peixes.* Eram selos de Moçambique. Não são as figuras, explica o Avelino; é a variedade das cores. E fica ali ao pé de mim como que esquecido do mais; *olhe que lindas cores!* A carta com peixes por fora, trazia dentro outros selos e era dirigida ó Bernardino, Pintarocha e Molestia e vem assinada *vossa irmã Maria Helena.* Lourenço Marques a ferver...!

Até aqui, nada de espantar; nós estamos afeitos a ouvir e sentir a cooperação dos leitores nos assuntos importantes da casa. Mas agora queiram ouvir e pasmar. Junto com outras, vi-

na uma carta volumosa do Ministério das colónias, ofício n.º 479 de 25 de Abril de 1951, a Bem da Nação. Eram colecções de selos. O chefe dos serviços dos C.T.T.C., tendo lido no Gaiato a notícia de uma bulha encantadora, aqui em casa, por causa de selos de passarinhos, ele, encantado, manda 7 colecções de selos do império Colonial. Não esperávamos tanto! Que nós fossemos até aos pés da Nação, está muito certo; mas que ela a Nação, venha até nós com peixes, passarinhos e flores, é coisa muito para admirar e apreciar.

O Avelino, por mais atinado, ficou entregue das formosas colecções de selos com o encargo de as mostrar aos mais apaixonados dos nossos filatélicos. Piolho, como não podia deixar de ser, fez imediatamente uma grande questão, desejando para si, os deles mais importantes, mas Avelino venceu. O Avelino vence sempre o Piolho. Os selos são um amor de beleza e encerram nas suas cores um segredo profundo de vida. Se assim não fora, não teriam chamado por cada um dos nossos rapazes. Só a vida chama pela vida!

O mundo anda cheio de Césares e de Figuras. O mundo quer mas é passarinhos e peixes e flores e frutos e pão. O mundo quer a vida como Deus a dá e foge naturalmente da que os homens querem dar; os *homenzinhos.* Isto quanto ao geral. Se formos à vida particular de uma casa de educação, esta doutrina é muito mais certa e mais importante. Ali os Césares não têm lugar nenhum. A autoridade nunca foi nem jamais ha-de ser boa educadora por todas as razões e mais ainda pelo perigo permanente de resvalar para o autoritarismo. Não pode ser boa educadora. Só quem ama. Só pelo amor. Só por uma identificação persistente e dolorosa com o próprio educando. Amigo e Snt. Luis Candido Taveira; se isto está nas suas mãos ponha sempre em circulação peixes e passarinhos e flores. Depois heróis e santos. O resto deixe na caixa.



O Cartóla, veio-me perguntar se eu o deixava ir embora. Disse-lhe que não. Não senhor. *Daqui para fora não sai nenhum, disse.* Se alguém tem razões para se ir embora, esse alguém sou eu. Não pelos de casa; eles são todos amigos. E' mas é pelos de fora. Esses é que são ruins de aturar... Mas vamos ó Cartóla. O rapaz ouviu o recado e retirou-se da minha beira. Dias depois, aparece aqui uma mulher do povo vergada pelos anos e trabalhos. Mal me vê, lança-se, redonda, aos meus pés, a implorar: *não mande embora o meu menino.* Só então é que eu soube que ele tinha fugido. Oh! desordem da na nossa casa! Cartóla comeu. Comeu boas. Não por fugir, mas sim por ter mentido à sua avó. Eu não o mandei embora.

## QUASE ESGOTADO!!!

Adquirir, sem perda de tempo, o «Isto é a Casa do Gaiato»  
Pedidos à Editora  
Tipografia da Casa do Gaiato  
PAÇO DE SOUSA